

1.º - A queda dum anjo

No meu velho laboratório da antiga Faculdade de Medicina, entrou um dia, acompanhando o então presidente da República, sr. Teixeira Gomes, um homem de cartola e fraque. Era ainda novo, de aspecto tímido, e tinha alguma coisa de feminino nas maneiras suaves e fugidias. Era ou parecia modesto e simples, êste personagem de cartola e fraque, que me disseram ser o sr. Sérgio, Ministro da Instrução. Fiquei, desde então, simpaticando com o sr. Sérgio.

//

Durante um tempo não mais ouvi d'êlle falar, e esqueci o caso.

Em Paris, um dia, falaram-me do sr. Sérgio, que ali estava exilado, e em difíceis circunstâncias.

E a minha simpatia aumentou, sem que no entanto eu soubesse ao certo quem era e o que fazia o sr. António Sérgio.

//

Mais tarde, já em Portugal, disseram-me ainda que o sr. António Sérgio, não sendo um fura-paredes, sendo mesmo de craveira mental muito modesta, era, no entanto, não só um grande trabalhador, mas um homem intellectualmente honestissimo. E que, além de honesto, se batia pela probidade intellectual, tenazmente trabalhando contra a retórica e outros vícios que intoxicavam a nossa vida mental.

Os tempos correram, e um dia o sr. Sérgio appareceu-me, de lança em punho, arremetendo precisamente contra um dos mais completos expoentes da nosa «fumisterie» intellectual.

Não tive tempo de seguir a batalha. Um ou outro fragmento de artigo lido na occasião desconsoaram-me pela pobreza da dialética, pelo ar conselheiral, pela sufficiencia um pouco pedante que nêles transparecia. Mas a minha simpatia marteve-se, e assim, em dada occasião, tornei-a manifesta.

E tendo-me alguém dito, a propósito dessa pugna, que o sr. Sérgio era o Herói Renovador da mentalidade portuguesa, o inimigo implacável do filosofismo lírico e retórico, sentimentalizado e ôco, à minha simpatia juntou-se entusiasmo, que tornei manifesto: e, como um soldado, puz-me ao lado do herói...

Apezar de ter vivido vinte annos na comédia intellectual que é o nosso meio universitário e depois, alguns annos, na bambochata que é o nosso meio intellectual, onde não sabemos que mais admirar, se as apóstrofes tonitruicas do «Génio da Raça», se os pingentes

de cêra poética do plangente vate da Lágrima; se a prosa ultra-trabalhada do sr. de Tolêdo, se as congeminações trans-históricas do sr. de Pimenta, e outras maravilhas, acreditei, confesso, na realidade do novo Herói e suas façanhas. Dulcinea-Athena tinha, enfim, entre nós, o seu Quixote...

Foi, porém, a minha última ilusão.

//

—Eis, com efeito, que, um dia, tudo faz volte-face, e o Herói Renovador me aparece, bruscamente, sob a forma estupefaciente de um «Bluff», o «Bluff» António Sérgio; o qual intitulado-se **Crítico da Cabeça até aos pés**, é apenas um **Crítico sem pés nem cabeça**, um Sofista de baixa estofa, e um muito pitoresco *monsieur*. Em extremo pitoresco, mesmo: tão pitoresco que o personagem passou immediatamente a interessar-me como curiosidade caracterológica, tal qual o sr. de Tolêdo, o sr. de Pimenta, o proprietário das Barbas Gloriosas e outros Jarrões do cenário português.

E' êste «Bluff», em todo o seu pitoresco, que o público deve conhecer.

Antes, porém, de o fazermos, convem explicar as razões do facto.

Com efeito, o personagem em si, pouco vale. Como exemplo caracterológico e psicológico pertence a uma categoria bem definida, e não tem, por isso, um interesse especial. Como «filósofo» faz rir, como «crítico» faz chorar...

Porque razão, nêsse caso, vem o personagem à baila?

Porque é um **Símbolo**. Símbolo de um meio e de um momento, de uma classe e de uma forma degenerada da cultura.

Símbolo porque, um «Bluff» dêste género, quando consegue ser tomado a sério, mesmo durante algum tempo, inclusivamente por algumas pessoas cultas e bem intencionadas, é um «Bluff» simbólico, cuja significação é preciso esclarecer, e cujos males é necessário cortar pela raiz.

Porém, neste momento, uma outra objecção se apresenta: foi o autor deste artigo a única pessoa, nêsse caso, sufficientemente esperta e penetrante para descobrir o «Bluff»?

Dar-se-á, em suma, o caso do Rei Vai Nú, e vem o autor fazer aqui o papel do garoto?

Não, leitor; o «Bluff» é conhecido de muita gente; muita gente sabe, reconhece e diz que o sr. Sérgio é um «Bluff», grotesco personagem destituido de qualquer valor e seriedade. Muita gente, antes de mim, o verificou; mas, ou seja por comodismo, ou seja porque lhes repugna, ou ainda por comiseração, ou por outras razões, calam-se, e deixam assim correr os marfins.

Não entendemos, porém, as

coisas desta forma. Porque é um dever para com o público esclarecê-lo, uma vez o caso constatado e documentado. Ora, o «Bluff» Sérgio está em demasia constatado:—e documentado, irrefutavelmente, pelo próprio sr. Sérgio.

Depois, como dissemos, o sr. Sérgio é um Símbolo. Ora, succede com os Símbolos o que succede com os corcundas, havendo-os perfectissimos, em seu género.

O sr. Sérgio como Símbolo é perfeito. Pois é quasi incrível, e no entanto real, que um «Bluff» do tipo Sérgio, pudesse apresentar-se num meio qualquer, durante tanto tempo, sob as aparências do Herói Renovador, e a Lenda da Seriedade grave, da Honestidade sem mácula, da Probidade sem nódoa, com que, durante annos e annos, foi aureollado. E ainda que no mesmo meio, um tão completo exemplo de vacuidade intellectual, de inépcia filosófica, de inaptidão critica, de pifia dialética, de mísera sofistica, pudesse ser considerado como um Herói Renovador.

E há mais. O atrazo intellectual, a ignorancia geral e particular, do Renovador, a sua completa incompreensão do espirito intellectual moderno, a sua inaptidão para abraçar o movimento philosophico contemporâneo em sua vastidão e complexidade, a sua absoluta insufficiencia e falta de preparação para seguir e compreender o subtil e complexo mechanismo do pensamento scientifico actual, fazem d'êlle uma triste caricatura de filosofismo sedico, estafado, degenerado, derramado, numitando velhos sofismas, velhos paralogismos, velhas proposições sem sentido:—um chá de Tolentino filosofista, que já a todos enjôa.

E êste exemplo triste de filosofismo, de banalidade, de rabuice, conjugado com o temperamento caturra, o espirito maniaco, a obsessão critica, e outras madurezas, constituem em larga escala para fazer do nosso famoso Sérgio «Bluff», o corcunda perfectissimo do nosso neo-filosofismo.

Ora, êste filosofismo, velho ou novo, é precisamente uma das coisas a extirpar do nosso meio intellectual, por êle inconscientemente intoxicado até à medula. E por essa razão ainda Sérgio-«Bluff» nos apparece como Símbolo, sob a sua lenda pitoresca de Herói Renovador, e Catão da mentalidade portuguesa.

O "Bluff"

P O R A B E L

Um «Bluff», sim leitor, um tremendo e inconcebível «Bluff», crescido no nosso meio como o tortulho nas árvores, sem o público disso se aperceber...

Um «Bluff» quasi épico, em que a petulância, a jactância, a sufficiencia, a inconsciencia, e a ignorancia se dão as mãos. Um «Bluff» em que se conjugam o Catedrático, o Acácio, Mr. Prudhomme, o Gros-Guilleme, o Cristo laico, o Pontifex Maximus, o Tartufo, o Mr. Jourdain, e vários outros que ao «Bluff» legaram os seus *detritus*.

Um «Bluff» enfim, de tal ordem, e tão singular, que o próprio sr. Sérgio é vítima inconsciente do seu próprio «Bluff»...

Esta é a singularidade do «Bluff»-Sérgio: — singularidade tal que podemos dizer sem receio de desmentido que o sr. Sérgio, sendo um «Tartufo», não tem a consciencia do seu Tartufismo; e que, sendo um plagiador, quasi não tem a consciencia de que o seja...

Paradoxo êste de que o leitor terá a explicação, quando, na occasião propria, tracarmos o esquisito caracterológico do triste personagem.

Triste porque o sr. Sérgio é um dêstes exemplares humanos que, em vez de gerar ódios ou antagonismos, apenas gera o dó: pois é a vítima, mo fundo ingénua e pueril, de uma constante ilusão, a ilusão do seu próprio ideal, isto é, da transformação automática do seu Eu-Real no seu Eu-Ideal. Vítima ainda da suggestão nelle exercida pela máxica do pensamento e pela hipnose dos pensamentos, que nele criaram a ambicão fallida, e por isso mesmo tanto mais obsessiva, fascicante, do pensamento e da critica, da razão e da filosofia.

Desta forma o sr. Sérgio, símbolo de um meio, é, ao mesmo tempo, símbolo de um tipo: é êste duplo símbolo que mais deve interessar por um momento. Porque entrar na consciencia d'êlle é entrar na consciencia do que é a «fumisterie» do nosso meio intellectual, onde, das universidades às academias, e do livro ao jornal, passando pela revista, tudo é, com poucas excepções, «Bluff» puro e comédia.

E nenhum peor «bluff», nenhuma peor comédia de que aquella que se apresenta com aspectos messiânicos, revolucionários, ou renovadores, que não são mais do que puras aparências encobrando uma realidade bem diferente.

Antónia Sérgio

SALAZAR

«Falta aqui, dizia Eça na «Correspondência de Fradique», uma atmosfera intelectual onde a alma respire. Depois certas feições, simplesmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade aliterada, afastada, catita e conselheiral. Há literatura na simples maneira com que um calheiro vende um metro de fita, e, nas próprias graças com que uma senhora recebe, transparece fadistice: mesmo na arte há conselheirismo; e há catifismo mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema vem da politiquice e dos politiqueros».

Ao que deveria acrescentar-se:—é dos filosofistas.

O filosofismo é entre nós uma chaga. «Um filosofismo mole, retórico, verboso e enfático, sentimental, de tonitroso ou teatral ou tonitroante, caudaloso, bombástico; um filosofismo em que o pensamento se dilue, se liquefaz, ou em que a ideia pobre é abafada em imagens, alegorias, lugares-comuns; um filosofismo lírico, um filosofismo conselheiral, catita ou pires, doutoral ou coimbrão, sempre provinciano, em geitos de retórica de café ou de farmácia, entrecortado com desamparados bocejos de indolência mental e ceticismo pegajoso, num aluir de mentalidades derramadas no xaroposo marasmo da nossa mística fatalista» (O Trabalho, n.º 200). Por fim e não menos provinciano, um filosofismo sofista, erístico, pretensioso e estéril, doutoralmente pedantêsco, catedrático como Mr. Jourdain era prosador, mesclado com um apostolado de poisinhos chochas, de ideias sinhas abracabradantes, esta-pafúrdias, salada paradoxal em que o apostolado e o espírito crítico jogam as turras, sem disso se aperceberem:—um dos mais completos exemplos de inépcia filofosista que se pode imaginar.

Este é o filosofismo do sr. Sérgio, parte integrante do «Bluff»-Sérgio: — e é este que, por seu turno, é um símbolo.

2.º - O Sr. Sérgio é um plagiador

As laboriosas futilidades, as chinezices dialéticas, a sofisticada bizantina e a erística pueril, é o tecido habitual das coisas do sr. Sérgio. Mas tudo isto é combinado com numerosos plágios, disfarçados ou descarados, que servem

habitualmente de alimento ao sr. Sérgio.

Seria fastidiosa tarefa desatar a meada de todo este *crochet* bizantino, tecido de sofismas e de plágios: para o que seriam precisos tantos volumes quantos aqueles que, graças a tais habilidades, o sr. Sérgio tem produzido.

Limitemo-nos, pois, a alguns exemplos típicos.

Produziu e publicou recentemente o sr. Sérgio pretensioso e vazio «estudo filosófico», a que deu o pomposo nome de «Cartesianismo ideal e Cartesianismo real». Aí, com as habituais mesuras e tagatés, chinezices e futilidades, o sr. Sérgio limita-se, apenas, a desenvolver e glosar, à sua maneira, uma tese conhecida de um autor francês.

Sua Excelência, porém, não cita nem sequer se refere ao autor que escandalosamente plagia: pegou-lhe na tese e chama-lhe descaradamente sua. Insistentemente repete: «aquilo a que eu chamo cartesianismo ideal».

Ora, tudo isto, como dissemos, é plagiado de Brunschig: «La Pensée intuitive chez Descartes et les Cartésiens». E' tudes sur Descartes, pag. 9.

Un cartésianisme de droit, qui se concentre dans le mouvement spirituel de l'intuition; un cartésianisme de fait qui, loin d'éliminer la donnée sensible, se heurte perpétuellement à l'échec de son rêve, à la résistance invincible que recontere l'unité de l'univers et même de Dieu».

Tal é a tese que o sr. Sérgio glosa na sua conferência, sem nos dizer onde a encontrou nem dela sequer citar o autor.

«Aquilo a que eu chamo cartesianismo ideal... cartesianismo de direito, por assim dizer...» assim, manhosamente, o sr. Sérgio se vai apropriando dos termos e da tese alheia, a que ele chama, insistentemente, «suas».

Basta de resto comparar a prosa do sr. Sérgio com o artigo de Friedmann, aparecido na «Europe», quasi ao mesmo tempo que a conferência (1), intitulado «Un prince des temps modernes», sobretudo da página 301 e seguintes, para ver que o sr. Sérgio e Friedmann desenvolveram as mesmas ideias de Brunschig, com a diferença capital que Friedmann transcreve o texto glosado e cita o autor, enquanto o sr. Sérgio se cala a tal respeito como um rato, fazendo sua a tese de Brunschig.

Da conferência do sr. Sérgio são apenas originais as bizantinices sobre vulgarização e a chinezice final das últimas páginas, aquilo a que o nosso plagiador chama «a sua equação filosófica».

Seria curioso exemplo de «filosofismo» pôr aqui em confronto as bizantinices do sr. Sérgio com o texto de Friedmann, para ver a diferença existente entre as maneiras de tratar o mesmo assunto: simplesmente pelo momento apenas queremos focar o miserável plágio.

—Mas eis que já o nosso filofosista, gemebundo, exclama: «Ai de mim! Valha-nos Deus! Eu que

(1) O artigo de Friedmann é de 15 de Julho, a conferência de 10 de Julho.

lhes-hei-de fazer? Poi não vêem, meus jovens amigos, que tudo isto tem uma explicaçãozinha muito simples, quasi muito simples, e vem a ser que les beaux esprits se rencontrent...?

//

Mas há mais, e muito melhor. Como o corcunda da história, o caso seguinte, no género, é perfeitíssimo.

Nas «Palavras a A. Salazar», («Seara», n.º 515, p. 217) diz o sr. Sérgio:

«E depois? Pode haver nada mais estrambótico (sic) do que indicar-me a mim, António Sérgio, (sic!) um trecho seja de quem quer que seja—contra a lógica do juízo de predicção? (sic! sic!) Múltiplo antes de aparecer no mundo o folheto do Carnap (sic!) que o amigo me cita, tinha eu deixado por vários escritos—aquí e além—ideias da mesma índole acerca do juízo de predicção; e se quiser ler um trecho de exposição crítica acerca do juízo de predicção, de tese idêntica à de Carnap, mas (permita-me a vaidade) bem mais directo e bem mais claro do que aquele de Carnap—queira ler as páginas da nota final do 3.º volume dos meus Ensaios (2.ª edição). Leia essa nota com olhos de vêr; e, se quiser ser objectivo, creio que não deixará de concordar com o que digo. Creia, meu prezado Amigo, que se meteu a ensinar o Padre-Nosso ao Vigário. Se fôsse com o Carnap que eu estivesse falando, as coisas corriam infinitamente melhor; e, neste ponto, pelo menos, não chegaria a haver discussão entre nós».

Tem o sr. Sérgio infinita razão. Com efeito, na nota referida encontra-se o seguinte texto e tese:

«A lógica de Aristóteles, como dissemos, só conhece o juízo de atribuição, que confere um atributo a um sujeito,—como por exemplo «a neve é branca» ou ainda «a gaiota é voadora» (forma rigorosa, segundo tal lógica, que devemos dar ao juízo de que «a gaiota voadora»); porém, os juízos científicos por excelência são os juízos de relação—por exemplo: «a cidade de Lisboa é maior do que o Porto»; «Passos Manuel era irmão de José»; $\text{sen } (a + b) = \text{sen } a \cos b + \text{sen } b \cos a$. Reduz a lógica antiga, como todos sabem, estes juízos de relação àquele mesmo esquema do atributivo, afirmando, por exemplo, que o juízo «Lisboa é maior do que o Porto» deverá ser interpretado deste modo: ao sujeito Lisboa compete o atributo «maior do que o Porto». Simplesmente, este atributo: maior-do-que-o-Porto constitui um bloco indecomponível do qual não podemos separar o-Porto: e eis-nos impossibilitados, neste caso, de passar analiticamente à proposição conversiva: «o Porto é menor do que Lisboa».

Também o irmão—José, considerado, etc. etc...».

Este trecho, datado de 1937, foi copiado, «mutatis mutandis», de um artigo de Rudolf Carnap publicado no *Erkenntnis* em 1929 (1.º fascículo).

Eis o trecho de Carnap:

«Na antiga lógica, a única forma dos enunciados (juízos) era a forma predicativa: «Sócrates é um homem», (todos (ou alguns) gregos são homens). Liga-se assim a um conceito de sujeito um conceito de predicado, uma propriedade. Já Leibnitz afirmava que a

lógica deve estudar igualmente enunciados com a forma de relação. Um enunciado dêste género, por exemplo: «A é maior do que B», atribui um estado de relação a dois ou muitos objectos (podemos dizer, a muitos conceitos de sujeito). Foi preciso esperar pela nova lógica para dar satisfação ao desejo de Leibnitz. A antiga lógica compreendia igualmente os enunciados de relação como enunciados de forma predicativa. Mas então muitas deduções entre enunciados de relação tornavam-se impossíveis, ainda que impondo-se à prática científica. Por exemplo, o enunciado «A é maior que B» pode ser interpretado como segue: ao sujeito A é atribuído o predicado «maior do que B». Mas este predicado forma então um bloco: nenhuma regra de dedução permite destacar dele B. Do que resulta que se não pode passar analiticamente da proposição indicada à proposição «B é mais pequeno do que A», o que se consegue na nova lógica da maneira seguinte. A relação «mais pequena» é definida como «conversa» da relação «maior». A conclusão acima referida repousa então sobre o teorema geral: quando uma relação existe entre X e Y, a sua conversa existe entre Y e X. Um outro exemplo de enunciado que se não demonstrava na antiga lógica: «se há um vencedor, há um vencido», é, na nova lógica, a consequência do teorema lógico: se uma relação tem um antecedente tem também um consequente».

Bem razão tinha o sr. Sérgio em dizer que se a questão fosse com Carnap não haveria discussão!

O mais curioso porém é que Rudolf Carnap, neste trecho, e em todo o capítulo a que ele pertence, não nos dá doutrina original, mas apenas se limita a resumir a doutrina da lógica das Relações a qual data de De Morgan (1858) e de Pierce (1870), e que tem portanto perto de 80 anos de existência!

Desta forma o impossível e increditável sr. Sérgio—Ele, António Sérgio, a quem seria estrambótico indicar um texto seja de quem for sobre o assunto—vemos apresentar em 1937, como sendo sua, uma doutrina que tem perto de 80 anos de existência, copiando-a para isso, directa ou indirectamente, de um texto de Carnap, publicado em 1929, dêste Carnap relativamente ao qual ele se declara muito mais anterior, directo e claro!

Absolutamente único!

Notemos ainda que a doutrina da lógica das Relações é hoje clássica, vem em qualquer banal manual de filosofia ou lógica, e é conhecida de qualquer aluno destas disciplinas, em dêses alunos de instrução secundária relativamente ao qual, Ele—António Sérgio—Escrivor de Ideias—se julga um Semi-Deus!

Como documento da demonstração ao mesmo tempo da inépcia, ignorância, inconsciência, pedantismo, suficiência, estupidez, cabotinismo, incompetência, vacuidade mental, validade pueril, jactância, etc., etc., este caso é completo. Define integralmente um homem, seus processos, sua moral e sua mentalidade. Impossível mais completa revelação de um «Bluff». Impossível atingir maior grotêsco. Porque, exactamente no momento em que o sr. Sérgio se põe, ele—próprio, acima de tudo e de todos, enterra-se nesta chuchadeira sem classifi-

(Continua na página treze)

Revista das Ideias--7

Homenagens a Descartes: "Nouvelles Littéraires", "Europe", etc.

Não se pode conceber mais extraordinária confusão intelectual do que a manifestada nas últimas homenagens a Descartes. Artigos, discursos, conferências, palestras, puseram em acção uma retórica logorreira, em que tudo se afirma, e o contrário. Descartes aparece-nos como bolchevista, integralista, nacionalista, fascista, teísta, ateu, crente, descrente; como solitário, como humano, e mesmo, como «príncipe dos tempos modernos», e até como sendo sobretudo e acima de tudo... poeta!

Inútil fazer o rol das atribuições feitas ao filósofo, documentando-o com citações: porque a coisa atinge os limites do absurdo. Desde o compassado e grave artigo do professor de filosofia, reeditando estafados e sedícios lugares-comuns da filosofia escolar, até aos artigos dos «literários» espirra-canivetes, fanáticos, irritados, biliosos ou xaroposos, desde a catilinária azeda à xaroposa admiração e panegírico «bête», há de tudo, como na botica.

Exemplo típico do que é e do que vale o pensamento psicológico, fluctuando desorientado sob os impulsos do sentir, das paixões, das manias e das tendências próprias de cada um; do que é e do que vale o pensamento sem o guia da lógica e da experiência.

Mas fenómeno curioso como expoente da desorientação do pensamento moderno de tipo literário, metafísico, retórico ou místico, de pensamento puramente psicológico. Cada cabeça cada sentença; tanto mais sentenças quantas mais cabeças, e tanto mais singulares quanto mais exaltadas sejam tais cabeças.

A crise moderna favorece precisamente as manifestações exasperadas do pensamento psicológico, desenvolvendo-se sem freio; e assim todo o campo literário e filosófico, com excepção da filosofia científica, nos dá o espectáculo do mais completo caos de ideias. Entrechocam-

se, cavalgam-se, anulam-se, convergem, divergem, deliram. E' o caos, e com frequência as coisas saem fora do pensamento psicológico para se aproximarem ou mesmo invadirem o campo psico-patológico. Autismo, esquizoídismo, exageros hipomaniacos, etc., formam, por vezes, autêntica feira da ladra, a feira das ideias sem nexos, a feira dos conceitos sem base.

A importância disto é aquela mesma que sempre tem o pensamento psicológico:—revelar estados de alma, estados do sentimento, correntes de ideias e da sensibilidade. Daí a importância destes factos como exponenciais do sentir do momento, e, neste caso

particular, de estados de alma correlacionados com a crise europeia.

Que fica, porém, de positivo, a respeito de René Descartes?

Uma coisa bem simples; que Descartes tenha sido poeta ou músico, ou tocador de berimbau, príncipe ou plebeu, crente ou ateu, que, mesmo não tenha existido,—o que fica, como um facto, é o Cartesianismo, tal como êle se definiu no decorrer histórico do pensamento europeu, e tal como êle actuou e se desenvolveu; e assim como o cristianismo histórico não é o cristianismo de Cristo, assim também mesmo que o cartesianismo da filosofia euro-

pela não fosse o de Descartes, seria êsse apenas o que temos de considerar e o que tem um significado positivo. Ora esse cartesianismo é não apenas obra de Descartes, mas obra histórica de carácter colectivo, definido pelo tempo e pela evolução das ideias.

Sob tal ponto de vista que Descartes tivesse sido crente ou ateu, príncipe ou poeta, místico, lunático, ou mesmo que tivesse morrido de uma indigestão de chouriços como o excelente Budha, eis o que é destituído de qualquer importância.

No entanto foi com isto, e coisas análogas, que foram nutridas as homenagens a Descartes...

De um diário velho

(continuação da página anterior)

do. Um, inclinado para o outro, fala. O que ouve parece que sorri para si mesmo. Teatro sem ênfase. As singulares mãos sêcas dêste homem, que lê o seu jornal adiante de mim! Compridas. Os dois dedos que mais se alongam parece que nunca se hão-de dobrar. São muito bonitas as mãos compridas! Eu escondo as minhas quando suspeito que alguém as vai olhar com curiosidade. Mãos, grande intimidade, grande confiança...

Sinto-me tão triste! Não sei que negra coisa, que desespero, que desânimo sombrio anda sempre comigo! E como se dissesse a toda a hora e sem consciência, irremediavelmente: **fini, fini.**

A Má diz que eu tenho o ar severo quando não rio, e quando me vêem sem eu esperar. Talvez.

Que prosa, que miséria! Mas consegue afligir. Ai, quando para todos estes pobres toca um tão desagradável sinal de rebato, que sentem, que pensam? Porque desta vez não há que fugir, nem que ignorar; há que entender, que aceitar.

Quantas vezes os tenho reconhecido indiferentes e banais! ou cépticos, acomodaticios, mesquinhos, desinteressados!

Mas hoje não-de sofrer, fatalmente, e sentir-se desorientados. Descategorizados, humilhados... Nunca a nossa irmandade (sociedade de iguais, irmandade, pois) foi considerada respeitável. Mas de quem a culpa? Foi sempre explorada, sempre conduzida em tropel, nunca apreciada, nem individualizados os seus valores. Sempre tomada como massa bruta, grosseira, maniável mas acéfala, inconsciente.

Vi-os em pequenas multidões obrigadas, tão servís e desconfiadas que me faziam dó. Não sei

se era dó que sentia, se era respeito íntimo e absolutamente inútil, por uma indeterminável mas muito geral, universal e intemporal parcela do humano, ali grosseiramente corrompida e deformada. Quem pudesse animar os desanimados! A uns, desencascá-los da manha camponesa com que se defendiam, a outros do cepticismo escarninho, a outros da impostura loquaz, etc.

Mas hoje, hoje ainda os vejo muito mais afrontados. E hão-de sentir o que eu sinto, pelo menos: abatimento.

//

Não é verdade que toda a palavra, mesmo sofisticada e melíflua, toda a linguagem, todo o discurso, toda a homilia, toda a prédica, toda a ordem verbal, possui um fundo e uma intenção, evidentes e irrenegáveis?

Com a simples palavra **bondade**, tão suave, quanto se pode irritar... ser intolerante com a **tolerância**, opressor com a **liberdade**, etc.

Tenho ainda sob os olhos aquela formidável lage de jornal, sem uma única palavra truculenta e tão abusiva! Terrivelmente enredadora, dispersiva e humilhadora. De toda ela emana, apenas, a ofensa ao espírito. A mim o efeito que me produz a baralha das suas palavras banais é o da visão de uma espécie de campo aéreo, sem lugar certo, mas real e existente, em que os valores mentais tivessem a mais grosseira distinção, onde o espírito fôsse encerrado, e tabeladas e hierarquizadas as suas necessidades muito irrisoriamente.

A inteligência e a actividade reguladas por uma medida tão baixa que fizesse rir com tristeza...

//

Disse-me a X., que viu a Mafa a subir o Chiado muito distinta e

impessoal, e que teve vontade de a insultar, mas sem violência, friamente. Já se sabe que a não insultou, mas os seus pensamentos valeram por insultos, e tanto basta...

Nada do ar preocupado consigo, pretensioso, das nossas mulheres, dizia-me a X. Um ar de mulher viajada. Muito pouca pintura, indiferença...

Ai, ai! o que será o ar... Tudo que há de mais exterior e circunstancial, casual, aprendido. Aquela mulher é de um meio diplomático, tem por isso atitudes correctas, elegantes, desafectadas. Mas o que ela é, o seu verdadeiro facies... A impostura a intriga, a maior e mais perversa deselegância moral!

O "Bluff" António Sérgio

(Continuação da página cinco)

cação possível, que põe a nú a sua estupidez e inconsciência!

Caimos no grotesco puro, numa destas bambochatas inclassificáveis:—bambochata que o sr. Sérgio se esfalfou em levar ao máximo expoente, com as frases quasi inacreditáveis em conteúdo e forma, que constituem as «Palavras a A. Salazar».

E é de tal ordem tudo isto, que uma suspeita pode começar inquietando o espírito do leitor, sobre a normalidade e equilíbrio mental do sr. Sérgio:—facto que, pela sua gravidade, trataremos mais adiante, ao traçar o esquisso caracterológico dêste senhor.

//

Outros plágios—directos ou indirectos, claros ou «camouflés»—pejam a obra do sr. Sérgio; são êles inumeros. Não temos, porém, nem tempo nem espaço para deles nos ocuparmos:—o que aqui fica nos basta, como exemplo e como tipo.